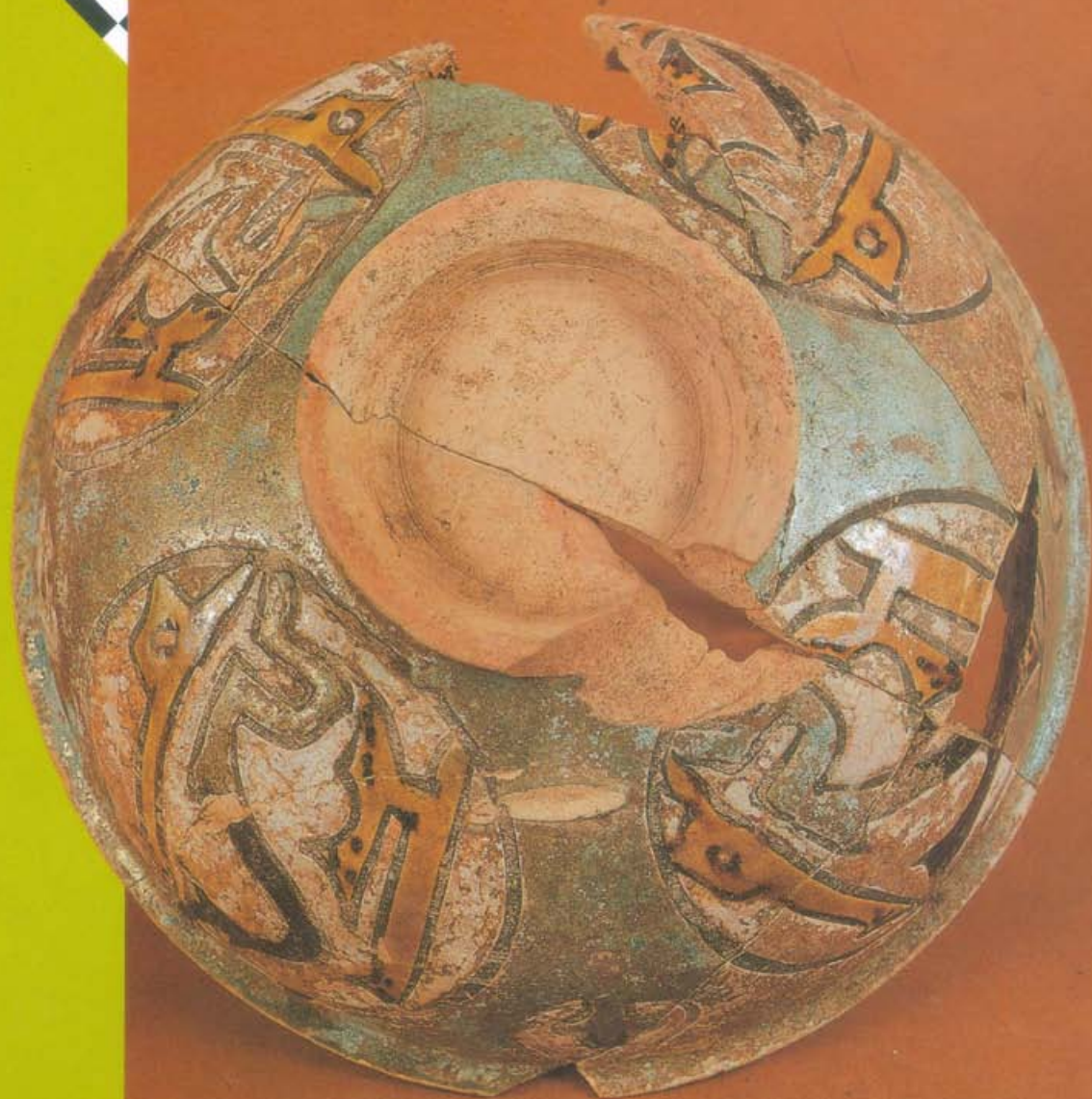


3

Arqueologia Medieval



EDIÇÕES AFRONTAMENTO

Capa e Design Gráfico: Gil Maia.

Fotografia da capa: Terrina com decoração caligráfica em «corda seca» (séc. XI). Museu de Mértola (Foto de Luís Pavão).

Fotografia da contracapa: Grande tigela com esmaltagem em verde e manganês, possivelmente fabricada em Maiorca ou Qayrawân (na actual Tunísia) em finais do séc. X e representando um navio comercial vulgar nessa época no Mediterrâneo Ocidental. Decorava a fachada da igreja de San Piero em Pisa. (Foto de G. Berti).

ISSN: 0872-2250

Nº de edição: 523

Depósito legal: 66923/93

Edição: Edições Afrontamento, Lda. — Rua Costa Cabral, 859 — 4200 Porto — Portugal

Telefones: (02) 529271, 594880 — Telefax: (02) 591777

Impressão: Litografia Ach. Brito / Porto

Acabamento: Rainho & Neves, Lda — Santa Maria da Feira

Periodicidade: Anual

A FAUNA DE MAMÍFEROS DA ÉPOCA MUÇULMANA DAS MESAS DO CASTELINHO (ALMODÔVAR). MATERIAIS DAS CAMPANHAS DE 1989-1992

JOÃO LUÍS CARDOSO*

1. INTRODUÇÃO. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Publicámos anteriormente (CARDOSO, 1993a) estudo preliminar concernente aos restos faunísticos recuperados nas escavações dirigidas pelos Drs. Carlos Fabião e Amílcar Guerra no Castelo muçulmano das Mesas do Castelinho (Almodôvar), em 1989 e 1990.

No presente estudo, apresentaremos o inventário de todos os materiais recolhidos no local no decurso das quatro campanhas ali realizadas, conducentes à exploração total dos depósitos muçulmanos, entre 1989 e 1992. Foi feita a caracterização completa de cada peça e, sempre que possível, determinou-se a biometria.

O numeroso conjunto estudado conferia, outrossim, interesse e representatividade acrescidos às considerações de carácter económico e social, relativas à respectiva comunidade, com base nos resultados obtidos, bem como às considerações paleoecológicas então prevalentes na região, face às anteriormente apresentadas.

Deixaremos para trabalho ulterior as comparações de índole biométrica, recorrendo a conjuntos de outras épocas, susceptíveis de conduzirem a conclusões quanto à evolução do tamanho das diversas espécies presentes, selvagens e domésticas, numa perspectiva diacrónica.

Como em trabalhos anteriores (CARDOSO, 1993a, b, c), as conclusões basearam-se no número total de restos identificados (NTR). Não se considerou pertinente o cálculo do número mínimo de indivíduos (NMI) por duas ordens principais de razões:

- por um lado, demonstrou-se que o NTR é proporcional ao número real original de indivíduos, o que não acontece com o NMI (Ducos, in DELPECH, 1973);
- por outro lado, em contextos antrópicos, correspondendo as quantidades dos restos faunísticos das diversas espécies presentes apenas a ínfima parte dos ossos dos animais consumidos na jazida (sendo forçoso aceitar a evacuação sistemática ou periódica dos detritos dos espaços habitados), aquele cálculo conduz, necessariamente, a resultados erróneos; a probabilidade de duas peças diferentes pertencerem a um mesmo animal é remota.

* Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa, Quinta da Torre, 2825 Monte da Caparica.

As dimensões apresentadas são em mm. No caso dos dentes de cervídeo e bovídeos (incluindo ovinos e caprinos), tomaram-se as dimensões na base da coroa, pelo facto daquelas variarem consoante o grau de abrasão dentária.

As convenções adoptadas no texto, no concernente à descrição biométrica dos espécimes dentários e ósseos, foram as seguintes:

H – altura

DT – diâmetro transversal

DAP – diâmetro ântero-posterior

DMD – diâmetro méso-distal

DVL – diâmetro vestibulo-lingual

2. ESTRATIGRAFIA, CONDIÇÕES DE JAZIDA, CRONOLOGIA

Uma síntese dos trabalhos realizados nos níveis de ocupação muçulmana foi já publicada (FABIÃO & GUERRA, 1991, 1993).

Em 1998 e 1990 escavou-se um sector do fosso situado do lado externo do castelo muçulmano, com cerca de 15 m de comprimento. O conjunto cerâmico então recolhido indica os séculos IX-X d.C., correspondente à ocupação do período omíada.

As duas unidades estratigráficas principais então identificadas foram as seguintes:

Unidade estratigráfica 12 – constituída por materiais de derrube do castelo muçulmano, no interior do fosso aludido, correspondendo à sua progressiva colmatação.

Unidade estratigráfica 29 – corresponde à formação de lixeira, contendo a maior parte dos restos faunísticos estudados, no fundo do fosso, sendo coeva da utilização desta estrutura. Desenvolve-se, portanto, sob a unidade estratigráfica 12.

No decurso das duas primeiras campanhas, foram ainda escavadas as unidades estratigráficas 5 e 11, para além de outras, exploradas nas campanhas ulteriores, de 1991 e 1992. A respectiva descrição é a seguinte:

Unidade estratigráfica 5 – camada constituída por materiais resultantes da destruição do castelo muçulmano sendo, portanto, de atribuir no conjunto àquela época

Unidade estratigráfica 6 – camada muito perturbada, situada junto ao fosso da fortaleza. Continha tanto materiais muçulmanos como romanos. Em consequência, alguns dos restos ósseos nela encontrados serão de diferentes épocas.

Unidade estratigráfica 11 – camada resultante de acumulações ulteriores à destruição do castelo muçulmano. A atribuição dos restos ósseos a esta época comporta, pois, algumas interrogações.

Unidade estratigráfica 61 – trata-se de depósito acumulado no Silo 57, estrutura encontrada no interior do castelo. Os restos ósseos provêm do fundo da estrutura.

Unidade estratigráfica 69 – trata-se de materiais acumulados no fundo do Silo 67, tal como o anterior situado no interior do castelo. Os restos ósseos foram recolhidos na base da estrutura, sendo, assim, coevos da sua utilização.

O progresso da exploração das diversas unidades estratigráficas descritas pode ser resumido no Quadro 1.

Quadro 1 – Unidades estratigráficas do período muçulmano escavadas nas Mesas do Castelhinho (1989-1992)

	5	6	11	12	2a	61	65	69
1989	x		x	x	x			
1990		x			x			
1991				x	x	x	x	x
1992					x			

Podemos considerar os restos faunísticos como globalmente homogêneos, avultando, na sua constituição, a unidade estratigráfica 29 (862 em 983 restos identificados); como vimos, trata-se de camada correspondente a lixeira, selada por derrubes naturais da destruição do castelo (unidade estratigráfica 12).

3. INVENTÁRIO DOS MATERIAIS

Primeira campanha – 1989

Camada 5

Ordem – Artiodactyla Owen, 1848

Família – Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1748

– Fragmento de costela.

Família – Bovidae Gray, 1821

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

– Fragmento de hemimandíbula esquerda, com todos os dentes jugais, exceptuando o último molar.

P/2 – DMD – 4.4; DVL – 4.7.

P/3 – DMD – 6.0; DVL – 4.7.

P/4 – DMD – 7.4; DVL – 6.8.

M/1 – DMD – 11.1; DVL – 7.2.

M/2 – DMD – 12.5; DVL – 8.4.

Comprimento P/3 – P/4 – 16.6.

Camada 6

Família – Bovidae Gray, 1821

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

– Dois fragmentos dentários indetermináveis.

Camada 11

Família – Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

– Extremidade distal de diáfise de metacárpico direito de juvenil. Trata-se de peça cuja atribuição específica foi anteriormente discutida (CARDOSO, 1993). Optou-se pela inclusão em boi doméstico, considerando o tamanho.

Camada 12

Família – Bovidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

– P/2 direito. Desgaste fraco. DMD – 19.1; DVL 14.0

– Astrágalo direito, com abundantes marcas de corte, por faca, especialmente nas faces anterior e mesial, transversais ao alongamento do osso. H máximo (= lateral) – 54.7; H mesial – 49.4; H mínimo – 42.5; DT proximal – 32.7; DT distal – 33.0; DAP lateral – 28.7; DAP mesial – 29.9.

– Esquirola correspondendo a porção da face anterior de metatársico esquerdo, conservando parte da superfície articular proximal.

Família – Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

– Fragmento de vértebra cervical; extremidade caudal do corpo vertebral por soldar.

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

– Porção anterior de hemimandíbula direita, conservando parte do diastema e os alvéolos de P/2 e P/3. Pequenas marcas de roedura na face externa.

– Apófise vertebral.

– Fragmento de diáfise distal de humero direito.

– Duas esquirolas de ossos longos, indetermináveis.

– Duas esquirolas de ossos longos com marcas de roedura punctiformes, de osso longo, com marcas de corte por faca.

Ordem – Lagomorpha Brandt, 1855

Família – Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus L., 1758

– Fémur esquerdo.

Camada 29

Ordem – Artiodactyla Owen, 1848

Família – Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

– P/2 direito. Desgaste forte. DMD – 15.1; DVL – 10.7.

– P/3 direito. Desgaste forte. DMD – 14.6; DVL – 12.8.

– P/4 direito. Desgaste forte. DMD – 12.1; DVL – 15.2.

– M/1 direito. Desgaste forte. DMD – 18.5; DVL – 21.4.

– M/2 direito. Desgaste forte. DMD – 20.7; DVL – 21.5.

– M/3 direito. Desgaste forte. DMD – 21.5; DVL – 21.7.

O conjunto destes dentes jugais poderá pertencer a um único indivíduo.

– I/1 direito. Desgaste fraco.

– I/1 esquerdo. Germe.

– Fragmento de M/3 esquerdo, correspondendo a porção do lobo mesial e ao lobo distal.

– Segmento de haste, serrada numa das extremidades, encontrando-se a outra ocupada por fracturas recentes.

– 79 fragmentos de pequenas dimensões de armações.

– Fragmento de corpo vertebral cervical.

– Porção de ramo ascendente de hemimandíbula esquerda.

– Porção de ramo ascendente de hemimandíbula direita, com a articulação.

– Tábua interna do ramo horizontal de hemimandíbula esquerda.

– Extremidade distal de metacárpico direito. Mostra abundantes e intensas marcas de corte, por cutelo e faca, transversais ao alongamento do osso, na face posterior da diáfise. DT diáfise – 26.0; DT distal diáfise – 41.7; DT distal – 43.7; DAP distal – 29.1.

– Duas esquirolas correspondentes a parte da face anterior de diáfise de tibia, uma esquerda, outra de lado indeterminado. Dimensões da primeira – DT proximal – 22.6; DT faceta proximal – 9.3; DAP proximal – 16.4; DAP diáfise – 10.3.

– Fragmento de tibia esquerda de sub-adulto, com a extremidade distal da diáfise deficientemente soldada à epífise.

– Astrágalo direito com marcas de roedura punctiformes, mas de contorno irregular. H máximo (= lateral) – 50.5; H mesial – 44.8; H mínimo – 38.9; DT proximal – 32.2; DT distal – 32.1; DAP lateral – 28.3.

– Calcâneo direito, incompleto em ambas as extremidades. Mostra marcas transversais de corte por faca na face dorsal e de roedura. DT sustentaculum – 35.5; DT mínimo posterior – 15.3.

– Extremidade proximal articular de calcâneo direito. Marcas finas e curtas de corte por faca, e roeduras, correspondendo a depressões mais irregulares, punctiformes e alongadas, de fundo côncavo.

– Cuboscáfóide direito. Ostenta pequenas marcas de corte, por faca, paralelas, na face anterior. DT – 41.8; DAP – 37.4.

– Extremidade proximal de matatársico esquerdo, com marcas de fogo e de roedura, estas últimas pouco acentuadas. DT proximal – 40.4; DT faceta proximal – 16.4; DAP proximal – 37.5; DT diáfise – (24.8).

– Metade distal de metacárpico esquerdo. Ostenta marcas de corte, curtas, por faca, no bordo lateral da extremidade distal. Marcas punctiformes na diáfise, em duas zonas distintas, por mordedura. DT – diáfise – 24.3; DAP diáfise – 24.5; DT distal diáfise – 41.3; DT distal – 43.3; DAP distal – 28.7.

– Extremidade distal de matatársico direito. DT distal diáfise – 41.4; DT distal – 42.7; Dap distal – 28.6.

Cervus elaphus (?) L., 1758

– Fragmento de omoplata, de lado indeterminado, com marcas de corte por cutelo, coincidentes com factura, de um dos lados.

– Disco inter-vertebral.

– Metade distal de diáfise de metacárpico juvenil, de lado indeterminado, com epífise não soldada. Marcas de fogo. A atribuição desta peça a esta espécie ou a *Bos taurus* foi anteriormente discutida (CARDOSO, 1993a).

– Esquirola de osso longo indeterminável com intensas marcas de roeduras, que eliminaram boa parte da matéria óssea.

Família – Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

– 1/2 direito. Desgaste fraco.

– Diastema de hemimandíbula direita. Ostenta duas mordeduras paralelas e bordos irregulares, acompanhadas de outras, punctiformes.

– Vértebra cervical, quase completa, com marcas de corte por cutelo.

– Apófise vertebral, com ténues marcas de corte por faca, numa das faces laterais.

– Porções de três fragmentos vertebrais, dois deles correspondendo a duas vértebras cervicais. Uma, representada pelo corpo vertebral, mostra marcas de corte por cutelo, seccionando-o transversal e obliquamente.

– Porção mesial de costela.

– Esquirola de osso longo, inclassificável.

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

– P/4 direito. Desgaste fraco. DMD – 6.6; DVL – 7.7.

– 7 M/1-2, sendo quatro direitos e três esquerdos. Desgaste fraco a médio. DMD – 9.1; 8.4; 8.8; ?; 8.9; 10.3; 8.3; DVL – 10.1; 11.2; 12.3; 11.1; 11.7; 12.0; 11.3.

– 5 M/3, sendo dois direitos e três esquerdos. Desgaste médio (em dois e

nulo (nos restantes). DMD – 19.7; 17.4; 19.3; 20.5; ?; DVL – 18.8; 11.3; 10.8; 12.8; ?.

- Dente superior muito fragmentado, inclassificável.
- I/2 esquerdo. Desgaste médio.
- I/3 esquerdo. Desgaste médio.
- P/2 esquerdo. Desgaste nulo. DMD – 3.8; DVL – 3.5.
- Porção anterior de hemimandíbula direita, com diastema e os três pré-molares, além do alvéolo do M/1. P/2 – DMD – 5.3; DVL – 3.6; P3 – DMD – 6.5; DVL – 4.6; P/4 – DMD 8.0; DVL – 6.1. Comprimento P/3 – P/4 – 17.5.
- Hemimandíbula esquerda, com toda a série jugal, exceptuando o P/2. Desgaste médio. Alguns dentes não são mensuráveis, por se encontrarem fortemente implantados no osso mandibular. P/3 – DMD – 7.4; DVL – 5.4; P/4 DMD – 8.0; DVL 6.5; M/3 – DMD 22.5; DVL – 8.8. Comprimento P/3 – P/4 – 21.1. Comprimento M/1 – M/3 – 56.5.
- Hemimandíbula direita, com toda a série jugal, exceptuando o M/3. Desgaste forte. P/2 – DMD – 4.4; DVL – 3.5; P/3 – DMD – 6.8; DVL – 5.4; P/4 – DMD – 9.0; DVL – 6.3; M/1 – DMD – 9.8; DVL – 7.2; M2 – DMD – 12.4; DVL – 7.7. Comprimento P/3 – P/4 – 22.0. Comprimento M/1 – M/3 – 38.1.
- Fragmento de hemimandíbula esquerda, contendo P/1 e M/1. Desgaste muito forte. P/4 – DMD – 8.3; DVL – 6.4; M/1 – DMD – 9.8; DVL – 7.5.
- P/2 esquerdo. Desgaste quase nulo. DMD – 5.4; DVL – 3.5.
- P/3 esquerdo. Desgaste quase nulo. DMD – 6.3; DVL – 5.2.
- P/4 esquerdo. Desgaste quase nulo. DMD – 7.2; DVL – 5.6.
- P/4 direito. Desgaste fraco. DMD – 6.9; DVL – 6.3.
- M/1 esquerdo. Desgaste médio. DMD – 9.4; DVL – 6.5.
- M/2 direito. Desgaste médio. DMD – ?; DVL – 7.0.
- M/2 esquerdo. Desgaste médio. DMD – 11.4; DVL – 6.8.
- M/3 direito. Desgaste nulo. DMD – 22.8; DVL – 7.3.
- M/3 esquerdo. Desgaste forte. DMD – 20.6; DVL – 7.9.
- Dois fragmentos dentários inclassificáveis.
- Fragmento de ossicone de lado indeterminado, correspondendo à parte anterior mesial, com carena bem marcada.
- Fragmento de ossicone, de secção circular, muito recurvado.
- Ossicone esquerdo, com marcas de roedura e de corte, na extremidade proximal.
- Extremidade distal de ossicone de lado indeterminado, de secção circular.
- Ossicone esquerdo, de secção lenticular, com marcas de corte, por faca, transversais ao eixo da peça e na sua parte média.
- 13 fragmentos cranianos.
- Porção do bordo inferior do ramo horizontal da hemimandíbula direita.
- Porção de tábua externa do ramo horizontal de hemimandíbula esquerda, conservando parte do alvéolo de M/3.
- Fragmento de atlas.

– Fragmento de vértebra cervical.

– Corpo vertebral exibindo, na face dorsal, uma marca de roedura, de curto desenvolvimento.

– Porção de corpo vertebral dorsal, de juvenil, exibindo marcas de corte, por cutelo, numa das faces laterais.

– Fragmento de omoplata esquerda, com marcas de corte, por cutelo, e outras, devidas a roeduras. Dt colo – 19.3.

– Fragmento de omoplata direita correspondendo à zona mesial.

– Porção de íliaco esquerdo, conservando parte da cavidade articular com o fémur.

– Fragmento de íliaco de lado indeterminado, conservando parte da articulação com o fémur. Pequenas marcas de corte por faca.

– Porção proximal de costela, com várias marcas de corte, por cutelo, perpendiculares ao alongamento do osso.

– Porção proximal de costela, com ténues marcas de corte.

– Fragmento proximal de costela, com duas pequenas marcas de corte, por faca, junto duma das extremidades.

– Partes mesiais de duas costelas.

– Parte mesial de costela, com marcas de fogo.

– Fragmento de costela, com marcas de roedura, curtas, profundas e paralelas, em ambas as faces principais.

– Quatro fragmentos de costelas, uma delas com dois pares de marcas de corte, paralelas, finas e curtas.

– Porção mesial de costela, seccionada por cutelo, numa das extremidades.

– Metade distal de diáfise de humero esquerdo com ablação da articulação, por fractura. DT – diáfise – 14.7; DAP – diáfise – 17.6.

– Metade distal de diáfise de rádio direito, com a epífise em falta.

– Diáfise de rádio direito com marcas de corte por faca na metade distal da face anterior. DT diáfise – 14.5; DAP diáfise – 8.3.

– Metade distal de rádio direito, com porção do cúbito soldada, ao longo da face posterior. DT diáfise – 14.9; DAP diáfise – 9.2; DT distal – 28.0; DAP distal – 18.1.

– Esquírola, incluindo parte da superfície articular proximal de metacárpico direito, correspondendo a porção da parte mesial.

– Extremidade proximal de metacárpico direito. DT proximal – 18.5; DT faceta proximal – 8.5; DAP proximal – 17.9.

– Metacárpico esquerdo com várias marcas de corte, muito evidentes, paralelas e transversais, na extremidade articular distal, das quais uma se prolonga pela face anterior da diáfise. Comprimento – 109.3; DT proximal – 22.4; DT faceta proximal – 9.4; DAP proximal – 15.6; DT diáfise – 15.2; DAP diáfise – 10.6; DT distal diáfise – 26.2; DT distal – 26.4; DAP distal – 15.8.

– Metacárpico esquerdo, com extremidade distal em falta, separada por corte de cutelo. DT proximal – 19.3; DT faceta proximal – 6.8; DAP proximal – 17.1; DT diáfise – 12.3; DAP diáfise – 11.5.

– Esquírola de metacárpico esquerdo, correspondendo à parte da face anterior da diáfise, incluindo porção da superfície articular proximal. Possui marcas punctiformes de roedura.

– Metacárpico direito, correspondendo à diáfise, seccionada obliquamente por fractura, e à extremidade proximal.

– Porção de diáfise de metacárpico direito, de juvenil (?).

– Esquírola correspondente a porção mesial da face anterior de metacárpico, de lado indeterminado. DT diáfise – 15.6.

– Porção de diáfise de tibia esquerda, incompleta na face posterior. A extremidade proximal encontra-se cortada obliquamente

por facão ou cutelo, mostrando a extermidade oposta, na face posterior, marcas de corte idênticas, embora tenham provocado fractura não rectilínea, de tipo esquiroloso. Trata-se de caso típico de seccionamento de peça de carne, que, pelo tamanho, sugere naco para ensopado.

– Fragmento de tibia esquerda, correspondendo à extremidade proximal de diáfise. Pequena marca de corte, por faca, na face mesial da diáfise.

– Metade inferior de diáfise de tibia direita. O osso evidencia marcas de raspagem superficial, longitudinais, por faca, que teria também provocado marcas de corte, na extremidade distal da diáfise. – DT diáfise – 14.1; DAP diáfise – 11.1.

– Fragmento de tibia direita, correspondendo à extremidade distal da diáfise. Face anterior cortada por facão ou cutelo. Marcas de corte por faca nas faces lateral e mesial. Observam-se, ainda, tal como na peça anterior, extensas superfícies raspadas, por faca, de desenvolvimento longitudinal. – DT diáfise – 16.0; DAP diáfise – 14.3.

– Porção mesial de diáfise de tibia de lado indeterminado. O tamanho indica aproveitamento do naco de carne em ensopado, tal como as quatro peças seguintes. – DT diáfise – 15.7; DAP diáfise 13.0.

– Porção mesial de diáfise de tibia esquerda. Dt diáfise – 14.5; DAP diáfise – 12.1.

– Porção mesial de diáfise de tibia esquerda, com duas profundas marcas de corte por cutelo, nas faces mesial e lateral. Ambas as extremidades correspondem a superfícies de fractura. DT diáfise – 17.1; DAP diáfise – 14.4.

– Diáfise de tibia esquerda, incompleta na face anterior, com marcas de corte por faca junto da extremidade proximal.

– Metade distal de tibia direita. DT diáfise – 14.8; DAP diáfise – 12.7; DT distal – 25.0; DAP distal – 18.9.

– Diáfise de metatársico direito, com numerosas marcas de roedura, punctiformes e lineares, especialmente nas faces mesial e lateral. Ambas as extremidades se encontram ocupadas por fracturas. DT diáfise – 12.2; DAP diáfise – 12.0.

– Astrágalo esquerdo. Possui abundantes marcas de corte, curtas e finas, de faca, na face mesial e no bordo mesial da tróclea proximal. Pequenas marcas de roedura na superfície mesial. Comprimento máximo (=comprimento lateral) – 26.5; Comprimento mesial – 25.0; Comprimento mínimo – 20.7; DT proximal – 17.8; DT distal – 17.0; DAP mesial – 15.2; DAP lateral – 13.6.

– Astrágalo direito, com marcas de fogo intensas. Matéria óssea parcialmente transformada em turquesa, de cor azulada. Duas curtas marcas de corte por faca podem observar-se na tróclea lateral da articulação distal. O exemplar possui uma excrescência de carácter patológico no bordo mesial da articulação proximal. Comprimento máximo (=comprimento lateral) – 31.6; comprimento mesial – 30.0; Comprimento mínimo – 25.2; DT proximal – 20.3; DT distal – 19.7; DAP lateral – 18.0; DAP mesial – 17.5.

– Terceira falange. Comprimento – 32.0; DT articular – 9.3; DT máximo – 9.8.

– Sete esquirolas, sendo duas longitudinais, de ossos longos, e uma outra com marca de corte.

Ordem – Lagomorpha Brandt, 1855

Família – Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

– Porção de maxilar de coelho, com a série jugal esquerda, com cinco dentes.
– Três fragmentos de maxilares, com sete dentes inclusos nos respectivos alvéolos.

– Dezassete hemimandíbulas esquerdas, mais ou menos fragmentadas, com 54 dentes inclusos nos alvéolos.

– Dezassete hemimandíbulas ou fragmentos de hemimandíbulas direitas, com 46 dentes inclusos nos alvéolos.

– Uma hemimandíbula muito fragmentada, de lado indeterminado.

– Três vértebras dorsais, uma delas reduzida ao respectivo corpo vertebral.

– Onze omoplatas direitas, mais ou menos completas.

– Treze omoplatas esquerdas, mais ou menos completas.

– Sete fragmentos de omoplatas, de lados indeterminados.

– Seis coxais direitos, mais ou menos completos.

– Nove coxais esquerdos, mais ou menos completos.

– Três coxais fragmentados, de lados indeterminados.

– Porção proximal de humero esquerdo, conservando a respectiva extremidade.

– Húmero esquerdo, incompleto na extremidade proximal.

– Sete húmeros esquerdos, todos com a diáfise e a extremidade articular distal.

– Cinco húmeros direitos, todos com a diáfise e a extremidade distal.

– Húmero direito completo.

– Nove cúbitos direitos, conservando a extremidade proximal e parte da diáfise.

– Sete cúbitos esquerdos, conservando a extremidade proximal e parte da diáfise.

– Cinco rádios direitos, com a extremidade proximal e parte da diáfise.

– Cinco rádios esquerdos, com a extremidade proximal e parte da diáfise.

– Porção de cúbito direito de coelho com parte da articulação proximal e parte da diáfise.

– Segundo metacárpico direito.

– Terceiro metacárpico direito.

– Extremidades distais de dois fêmures esquerdos, com a diáfise conservada em porções variáveis.

– Extremidade articular distal de fêmur direito de coelho, cortado na face mesial e incompleto na face posterior.

– Quatro tíbias, conservando apenas a extremidade articular proximal e parte da diáfise, duas direitas e duas esquerdas.

– Uma esquirola longitudinal, correspondendo à face anterior de tibia direita.

– Diáfise de tibia direita.

– Quatro extremidades distais de tíbias esquerdas, uma de juvenil.

– Grande tibia, podendo pertencer a lebre, incompleta na extremidade distal. Apresenta marcas longitudinais de raspagem, por faca, tal como noutros casos já anteriormente assinalados.

– Quatro calcâneos, sendo dois esquerdos e dois direitos.

– Oito metatársicos direitos, três com falta da extremidade articular distal.

– Dois metápodes indetermináveis, por lhe faltarem, respectivamente, a extremidade articular proximal, ou por se conservar apenas a extremidade oposta, esta de grande tamanho, correspondendo talvez a lebre.

– Duas primeiras falanges.

Segunda campanha – 1990

Camada 6

Família – Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

– Porção de metacárpico direito, conservando a extremidade articular proximal, muito danificada, e boa parte da diáfise. DT proximal – 35.8; DT diáfise – 23.2; DAP diáfise – 27.8.

– Cuboscafóide esquerdo, muito incompleto.

– Metatársico esquerdo, muito esmagado na face posterior e com falta da extremidade articular distal. DT proximal – (30.5); DT faceta proximal – (15.0); DT diáfise 23.6.

– Metade proximal de metatársico direito. DT proximal – (36.0); DT faceta proximal – (22.0); DT diáfise 20.0.

– Porção mesial e distal de metatársico de lado indeterminado, muito incompleto e intensamente estalado (ataque químico?).

- Extremidade articular distal de metápode indeterminável, conservando um dos côndilos.
- Côndilo de metápode.
- Fragmento de primeira falange, com fratura longitudinal (moderna?).

Camada 29

Ordem – Artiodactyla Owen, 1848

Família – Bovidae Gray, 1821

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

- Fragmento de maxilar, com P₃ e P₄.

P₃ – DMD – 7.1; DVL – 9.0; P₄ – DMD – 7.0; DVL – 10.6.

Terceira campanha – 1991

Camada 12

Ordem – Artiodactyla Owen, 1848

Família – Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

- Fragmento de dente inferior indeterminável, conservando parte de um dos lobos.

- Extremidade proximal de calcâneo direito, conservando parte da articulação com o astrágalo.

- Porção mesial de calcâneo esquerdo, muito mutilado e incompleto.

- Esquirola de metatársico de lado indeterminado, correspondendo a face anterior da extremidade distal da diáfise.

Família – Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

- Esquirola de metatársico, de lado indeterminado, contendo parte da superfície articular proximal.

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

- Porção de corpo de vértebra cervical, seccionada longitudinalmente por corte de cutelo.

- Corpo vertebral com as extremidades articulares ainda não soldadas.
- Extremidade proximal de cúbito esquerdo, incompleta.

Ordem – Perissodactyla Owen, 1848

Família – Equidae Gray, 1821

Equus caballus L., 1758

- M₁₋₂ direito, faltando-lhe a metade lingual. DMD – 27.1.

Ordem – Lagomorpha Brandt, 1855

Família – Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

- Pelvis direito, incompleto.

- Extremidade de fêmur esquerdo.

Camada 29

Ordem – Artiodactyla Owen, 1848

Família – Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

- M₁ direito. Desgaste forte. DMD – 20.1; DVL – 21.7.

- M₂ direito. Desgaste forte. DMD – 20.2; DVL – 19.2.

- Porção anterior de extremidade distal de fêmur esquerdo.

- Extremidade distal de metacárpico esquerdo. Ostenta roeduras, com afundamento pontual da face anterior da extremidade distal da diáfise. DAP distal – 26.0.

- Extremidade distal de metatársico direito. Ostenta marcas de roedura. DT distal – 47.6; DAP distal – 26.5.

Família – Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

- Tábua labial de osso maxilar.

- M₁ direito. Desgaste forte. Incompleto do lado lingual DMD – 17.6

- M₂ esquerdo. Desgaste nulo. DMD – (21.5).

- Três fragmentos de dentes inferiores indetermináveis, conservando porções de um ou outro lobo.

- Duas esquirolas de ossos longos, ambas com marcas de corte por faca.

- Segunda falange. Comprimento – 36.3; DT proximal – 25.8; DT diáfise – 20.3; DT distal – 21.9.

- Extremidade distal de segunda falange, parcialmente conservada.

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

- M₁ direito. Desgaste médio DMD – 11.5; DVL – 11.5.

- M₂ direito. Desgaste fraco DMD – 22.2; DVL – 11.7.

- Porção de diáfise de humero esquerdo. DT diáfise – 11.7; DAP diáfise – 14.1.
- Extremidade distal de humero direito. Ostenta indícios de serragem no bordo lateral da diáfise. Tênuos vestígios de roeduras por pequenos carnívoros. DT distal – 34.4; DAP distal – 29.5.
- Porção distal de tibia esquerda, correspondente a esquirola da face anterior.
- Superfície articular distal de tibia esquerda. DT distal – 26.0.
- Setenta e três esquirolas, sete delas pertencentes a ossos longos, indetermináveis.

Ordem – Lagomorpha Brandt, 1855

Família – Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

- Diáfise de tibia de lado indeterminável.

Camada 61

Ordem – Artiodactyla Owen, 1848

Família – Suidae Gray, 1821

Sus scrofa L., 1758

- P3. Desgaste fraco. De dimensões idênticas a exemplar do Cabeço da Arruda. DMD – 13.0; DVL – (10.0).

Ordem – Lagomorpha Brandt, 1855

Família – Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

- Dois fragmentos de pélvis – esquerdo e direito – um com marcas de fogo, outro muito incompleto.
- Cúbito direito.
- Extremidade proximal de tibia direita, de juvenil, com a epífise não soldada.

Camada 65

Ordem – Artiodactyla Owen, 1848

Família – Bovidae Gray, 1821

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

- Metade distal de diáfise de rádio esquerdo de juvenil, com a epífise por soldar.
- Primeira falange.

Camada 69

Ordem – Artiodactyla Owen, 1848

Família – Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

- Duas epífises vertebrais, incompletas, com marcas de corte por faca, uma delas seccionada longitudinalmente por cutelo.

Família – Bovidae Gray, 1821

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

- Dois corpos vertebrais de subadultos, cortados por cutelo ao longo da parte média, um transversalmente, outro longitudinalmente.

- Três fragmentos de epífises vertebrais.

- Oito fragmentos de costelas, dois com marcas de corte por faca.

- Fragmento de costela cortada transversalmente por cutelo.

- Porção proximal de cúbito correspondente à articulação com o rádio, cortado transversalmente por cutelo.

- Esquirola de osso longo, cortada transversalmente por cutelo.

- Esquirola de metacárpico direito, incluindo parte da superfície articular proximal e da face posterior da diáfise. Marcas de raspagem por faca.

- Duas esquirolas longitudinais de metápodes indetermináveis, conservando parte da diáfise e uma das trócleas da articulação distal.

Ordem – Lagomorpha Brandt, 1855

Família – Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

- Quatro hemimandíbulas, mais ou menos completas, das quais uma direita e três esquerdas.

- Oito incisivos, superiores e inferiores.

- Três vértebras dorsais.

- Quatro fragmentos de costela.

- Duas omoplatas incompletas, uma direita outra esquerda.

- Três pélvis, dois direitos e um esquerdo. Um dos primeiros mostra-se muito incompleto e com marcas de corte por faca. Outro apresenta marcas de mordedura de pequeno carnívoro. O esquerdo evidencia, ainda, marcas de corte por faca.

– Três húmeros, dois esquerdos e um direito.

– Três cúbitos direitos.

– Um terceiro metacárpico direito.

– Um fêmur direito, talvez de lebre, atendendo ao tamanho.

– Extremidade proximal de tibia direita, talvez também de lebre.

– Três fragmentos de tíbias esquerdas, incompletas na extremidade proximal e em parte da diáfise.

– Dois calcâneos esquerdos.

– Três terceiros metatársicos, dois esquerdos e um direito, um com marcas de mordeduras.

– Dois quartos metatársicos esquerdos, um com marcas de mordedura.

– Dois quintos metatársicos direitos, um deles com marcas de mordedura de pequeno carnívoro.

– Três metades distais de metápodes indeterminados.

Ordem – Carnivora Owen, 1848

Família – Canidae Gray

Vulpes vulpes (L.), 1758

– Um terceiro, um quarto e um quinto metatársicos, esquerdos os dois primeiros, direito o último. Poderão pertencer ao mesmo indivíduo.

Quarta campanha – 1992

Camada 29

Ordem – Artiodactyla Owen, 1848

Família – Suidae Gray, 1821

Sus scrofa L., 1758

– Porção distal de diáfise de húmero esquerdo. DT diáfise – 12.3; DAP diáfise – 25.8.

– Extremidade distal de húmero com abundantes marcas de corte por faca, além de roeduras. DT distal – 42.8.

– Segundo metatársico esquerdo, conser-

vando-se a parte proximal e mesial. DT proximal – 5.0; DAP proximal – 7.5; DT diáfise – 4.3.

Família – Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

– M/2 direito. Desgaste médio. DMD – 19.7; DVL – 12.8.

– M/3 esquerdo. Coroa muito incompleta por fracturas, na superfície oclusal.

– Quatro fragmentos de dentes inferiores indetermináveis.

– Corpo vertebral de subadulto, com epífise por soldar numa das extremidades, sendo a outra ocupada por extenso corte de cutelo. Evidenciam-se, ainda, outros cortes, menos extensos, paralelos e perpendiculares ao maior, na face dorsal.

– Extremidade articular distal de húmero direito. Fractura intencional da diáfise, evidenciada por lascas esquirolosas. A superfície ostenta ainda marcas de roedura e de mordedura, bem como rendilhado meandriforme devido a acções químicas.

– Porção de rádio esquerdo correspondendo à extremidade proximal e parte da diáfise. DT proximal – 53.5; DAP proximal – 29.8; DT diáfise – 35.6; DAP diáfise – 19.5.

– Esquirola, correspondendo à extremidade distal de rádio esquerdo, parcialmente conservada.

– Cabeça de fêmur esquerdo, não soldada à diáfise.

– Cabeça de fêmur direito.

– Porção mesial da extremidade articular distal de fêmur direito, conservando parte da respectiva tróclea articular.

– Porção distal de tibia direita, conservando-se parte da diáfise. DT diáfise – 26.4; DAP diáfise – 20.5; DT distal – 40.0; DAP distal – 34.0.

– Tróclea lateral da extremidade distal de tibia direita.

– Cuboscafóide direito DT – 40.5; DAP – 39.8.

– Metatársico direito. Comprimento – 262.4; DT proximal – 43.0; DT faceta proximal 16.3; DAP proximal – 31.0; DT diáfise – 26.4; DAP diáfise – 27.0; DT distal diáfise – 42.3; DT distal – 43.6; DAP distal – 27.2.

– Extremidade proximal de segunda falange, muito desgastada por ataque químico. DT proximal – 17.0

– Extremidade distal de segunda falange. DT distal – 16.4; DAP distal (23.0).

Família – Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

– M/3 direito. Desgaste médio. DMD – 19.2; DVL – 21.6.

– M/1 esquerdo. Desgaste forte. DMD – 22.6; DVL – 14.7.

– Atlas, incompleto e com marcas de corte por cutelo.

– Pelvis esquerdo, muito incompleto.

– Diáfise de húmero direito, com falta de ambas as extremidades articulares, devido a fracturas. DT diáfise – 25.8; DAP diáfise – 37.0.

- Esquírola correspondente a parte da extremidade distal de humero esquerdo, incluindo porção do bordo mesial da diáfise.
- Porção mesial de cúbito esquerdo, conservando a articulação com o rádio. DT articular - 29.2.
- Porção mesial de diáfise de rádio esquerdo, com porção do cúbito soldado à face posterior. DT diáfise - 40.4; DAP diáfise - 20.3.
- Metade mesial da extremidade proximal de metacárpico esquerdo. DAP proximal - 35.3.
- Parte de diáfise de tibia de lado indeterminável.
- Esquírola, correspondendo a parte distal de tibia direita
- Cuboscáfóide direito. DT - 52.3; DAP - 48.8.
- Primeira falange, incompleta. DT proximal - (25.8); DT diáfise - 20.7; DT distal - 24.9.
- Primeira falange, incompleta. Marcas de corte, por faca, muito finos e paralelos, sobretudo na face anterior da diáfise. DT diáfise - 20.0; DT distal - 22.5.
- Segunda falange. Comprimento - 35.0; DT proximal - 24.8; DT diáfise - 19.3; DT distal - 19.8.
- Esquírola, correspondente a parte da tróclea distal de metápode indeterminável, partido longitudinalmente.

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

- M1 esquerdo. Desgaste fraco. DMD - 12.3; DVL - 12.5.
- Fragmento de M1 esquerdo. Desgaste médio.
- M3 direito. Desgaste fraco. DMD - 23.0; DVL - 13.5.
- M3 esquerdo. Desgaste até à raiz. DMD - (19.8); DVL - 12.2.
- Dois fragmentos de dentes superiores, indetermináveis.
- Fragmento de hemimandíbula esquerda, com D/3, D/4 e M/1. D/3 - DMD - 8.0; DVL - 4.5; D/4 - DMD - 13.2; DVL - 7.3; M/1 DMD - 10.5; DVL - 7.1.
- Fragmento de hemimandíbula com D/4 (desgaste médio) e M/1 (desgaste fraco). D/4 - DMD - 13.0; DVL - 6.8; M/1 - dimensões não determináveis, por o dente se encontrar muito embutido na mandíbula.
- Fragmento de M/1 esquerdo, correspondendo ao lobo mesial.
- Fragmento de lobo de dente inferior não determinável.
- Porção de esmalte de M/3 direito, correspondendo ao lado labial. DVL - 8.5.
- Cinco fragmentos de dentes inferiores indetermináveis.
- Fragmento do bordo inferior do ramo ascendente de hemimandíbula direita, conservando parte da articulação.
- Duas costelas fragmentadas, uma delas conservando corte por cutelo perpendicular ao desenvolvimento da peça.
- Porção distal de diáfise de humero esquerdo, com falta da articulação. Exibe marcas de corte por faca no bordo mesial e de roedura (ou ataque químico?). DT diáfise - 17.5.

- Metade distal de diáfise de rádio esquerdo. DT diáfise - 16.8; DAP diáfise - 10.0.
- Fragmento de tibia direita, correspondendo a metade distal. DT diáfise - 16.5; DAP diáfise - 13.1; DT distal - 29.1; DAP distal - 23.9.
- Metade distal de tibia direita. DT diáfise - 13.5; DAP diáfise - 11.5; DT distal - 26.3; DAP distal - 20.8.
- Extremidade distal de tibia direita. DT distal - 26.2; DAP distal - 19.8.
- Extremidade proximal de primeira falange. DT proximal - 12.2.
- Segunda falange. Comprimento - 21.2; DT proximal - 12.5; DT diáfise - 9.4; DT distal - 10.2.
- Três esquírolas de ossos longos, fracturados longitudinalmente.
- Esquírola de osso longo, com marcas de corte.
- Cento e dezasseis esquírolas, porém só pequena parte correspondendo a lascas longitudinais de ossos longos

Ordem - Perissodactyla Owen, 1848

Família - Equidae Gray, 1821

Equus caballus L., 1758

- Primeira falange anterior esquerda. Marcas de roeduras, de secção convexa. Exibe ainda abundantes marcas punctiformes, coalescentes, na face anterior, também devidas a mordedura. Medidas segundo os parâmetros de EISENMANN et al., 1987: 1 - 82.2; 2 - 75.5; 3 - 32.7; 4 - 49.4; 5 - 34.1; 6 - 45.6; 7 - 46.4; 8 - 23.3; 9 - 51.4; 10 - 63.1; 11 - 63.6; 12 - 10.8; 13 - 10.4.

Ordem - Lagomorpha Brandt, 1855

Família - Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

- Porção de maxilar direito, desprovido de dentes.
- Nove dentes soltos, superiores e inferiores.

– Seis hemimandíbulas mais ou menos fragmentadas, sendo quatro esquerdas e duas direitas, contendo no conjunto onze dentes.

– Três vértebras, sendo uma cervical e duas dorsais.

– Fragmento de costela.

– Duas omoplatas, fragmentadas, uma esquerda outra direita.

– Sete pélvis, sendo três esquerdos e quatro direitos, mais ou menos completos.

– Metade proximal de humero direito.

– Fragmentos de três húmeros, sendo dois direitos e um esquerdo.

– Três cúbitos, sendo um esquerdo e dois direitos.

– Três fragmentos de rádio, conservando a extremidade articular proximal, sendo um esquerdo e dois direitos.

– Dois fêmures direitos, um completo e

com marcas de fogo na extremidade distal, outro incompleto nessa extremidade, de subadulto.

– Duas extremidades proximais de fêmures esquerdos de coelho, sendo um de indivíduo subadulto.

– Duas tíbias de indivíduos subadultos, uma direita outra esquerda.

– Superfície articular proximal de tibia direita.

– Duas metades proximais de tíbias, uma direita outra esquerda.

– Duas porções mesiais de tíbias de lados indetermináveis.

– Extremidade distal de tibia direita.

– Calcâneo direito.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os restos de grandes mamíferos das Mesas do Castelinho foram subdivididos, para maior comodidade da discussão que sobre eles apresentaremos, em dois conjuntos:

1. O conjunto constituído pelas três espécies que maior importância possuíram na alimentação (Quadro 2);

Quadro 2 – Mesas do Castelinho (1989-1992). Distribuição dos ossos anatomicamente identificáveis pelos respectivos segmentos nas três espécies mais relevantes na alimentação da população muçulmana

Segmentos Anatómicos	Camadas							Total
	5	6	11	12	29	65	69	
<i>Cervus elaphus</i>								
Esqueleto craniano	6	2	-	2	96	-	-	106 (67,9%)
Esqueleto axial	1	-	-	-	7	-	2	10 (6,4%)
Ossos longos do membro anterior	-	-	-	-	4	-	-	4 (2,6%)
Ossos longos do membro posterior	-	-	-	-	8	-	-	8 (5,1%)
Metápodes e falanges	-	8	-	5	15	-	-	28 (17,9%)
<i>Bos taurus</i>								
Esqueleto craniano	-	-	-	-	10	-	-	10 (28,6%)
Esqueleto axial	-	-	-	1	8	-	-	9 (25,7%)
Ossos longos do membro anterior	-	-	-	-	4	-	-	4 (11,4%)
Ossos longos do membro posterior	-	-	-	-	2	-	-	2 (5,7%)
Metápodes e falanges	-	-	1	1	8	-	-	10 (28,6%)
<i>Capra/Ovis</i>								
Esqueleto craniano	-	-	-	1	91	-	-	92 (52,3%)
Esqueleto axial	-	-	-	3	22	-	14	39 (22,2%)
Ossos longos do membro anterior	-	-	-	2	8	1	1	12 (6,8%)
Ossos longos do membro posterior	-	-	-	-	15	-	-	15 (8,5%)
Metápodes e falanges	-	-	-	-	14	1	3	18 (10,2%)
Total	7	10	1	15	312	2	20	367

2. O conjunto de todas as espécies identificadas (Quadro 3).

O primeiro dos conjuntos integra as seguintes espécies:

- *Cervus elaphus* – 16,1% dos restos identificados;
- *Bos taurus* – 3,4% dos restos identificados;
- *Capra hircus/Ovis aries* – 31,9 % dos restos identificados.

O estudo efectuado sobre a distribuição pelos principais segmentos anatómicos do esqueleto de tais restos mostrou que, nas três espécies mais abundantes, o *esqueleto craniano* é, em qualquer caso, o conjunto mais numeroso, não obstante poder estar sobrevalorizado no caso de *Cervus elaphus*, atendendo ao elevado número de esquirolas, pertencentes, por certo, apenas a uma ou duas armações.

Os *elementos do esqueleto axial* constituem o segundo grupo mais numeroso em *Capra/Ovis* e o terceiro em *Bos taurus*, embora a curta distância do segundo, os *ossos das extremidades dos membros*. Estes, correspondem ao segundo conjunto mais abundante, em *Cervus elaphus* e *Bos taurus*, estando pior representados em *Capra/Ovis*. Finalmente, os *ossos longos dos membros anterior e posterior*, ocupam posição pouco relevante em quaisquer dos conjuntos considerados.

Do estudo efectuado, a principal conclusão obtida é a de que, embora em percentagens variáveis, estão representados todos os segmentos anatómicos, nas três espécies que maior importância revestiam na alimentação, prova de que o respectivo esartejamento teria sido realizado no local. Assim sendo, teremos de concluir que os veados, caçados nas áreas circundantes, eram transportados inteiros até ao castelo, o mesmo acontecendo com o gado doméstico. Não se vislumbra, outrossim, aproveitamento diferenciado dos diversos segmento anatómicos; os animais eram integralmente consumidos no local do abate.

Observam-se, no entanto, algumas variações de pormenor quanto distribuição dos segmentos anatómicos. Assim, a fraca representação dos *ossos das extremidades dos membros* em *Capra/Ovis* é dificilmente explicável, tanto mais que o

mesmo não sucede com os homólogos de *Cervus elaphus* ou de *Bos taurus*.

Identificadas as principais espécies consumidas e caracterizado o respectivo aproveitamento com base no estudo dos restos por segmentos anatómicos, impunha-se conhecer o modo como aqueles foram consumidos. Para isso, concorriam os diversos testemunhos conservados nos ossos, designadamente as marcas de corte e de fogo, que passaremos de seguida em revista.

Identificaram-se dois tipos principais de marcas de corte (Quadro 4):

- as que conduziram à obtenção de nacos de carne, de tamanho variável, incluindo o corte linear das peças ósseas;
- as que resultaram do respectivo consumo, depois de cozinhadas.

As primeiras correspondem a cortes extensos, produzidos por cutelo, excepcionalmente por serra. Considerando a distribuição de tais marcas pelas espécies mais consumidas, verifica-se ser maior a sua incidência, como seria de esperar, entre os ovinos e caprinos (Fig. 1). A maioria dos cortes por cutelo observados neste conjunto (9), correspondem a vértebras, costelas e em ossos das cintura escapular e pélvica. Os sectionamentos denunciam a preocupação de obtenção de nacos de carne de pequenas di-

Quadro 3 – Mesas do Castelinho (1989 - 1992). Distribuição do número total de restos (NTR) identificáveis pelas respectivas espécies

				29	61	65	69	
<i>Sus scrofa</i>	-	-	-	3	1	-	-	4 (0,4%)
<i>Cervus elaphus</i>	7	10	-	132	-	-	2	158 (16,1%)
<i>Bos taurus</i>	-	-	1	35	-	-	-	38 (3,9%)
<i>Capra/Ovis</i>	-	-	-	350	-	2	19	382 (38,9%)
<i>Equus caballus</i>	-	-	-	1	-	-	-	2 (0,2%)
<i>Oryctolagus /Lepus</i>	-	-	-	341	4	-	48	396 (40,3%)
<i>Vulpes vulpes</i>	-	-	-	-	-	-	3	3 (0,3%)
Total	7	10	1	862	5	2	72	983

mensões. Os restantes casos (7), correspondem quase totalmente (6) a ossos longos; uma vez mais, é nitido o objectivo de produzir pequenos nacos, situação especialmente evidente na diáfise tibial, pois são numerosos os fragmentos com escassos cm, cortados ou partidos em ambas as extremidades (Fig. 2).

O aproveitamento culinário destes nacos de carne é compatível com a confecção de cozidos ou ensopados, situação em tudo análoga à identificada na Silves muçulmana (ANTUNES, 1991) ou cristã (GOMES et al., 1993). Efectivamente, são excepcionais os vestígios de fogo em peças ósseas das Mesas do Castelinho (Quadro 4), únicos indicadores seguros de grelhados.

A prática da cozedura permitiria, com efeito, um aproveitamento máximo da carne. Bom revelador deste facto são as numerosas esquirolas de ossos longos (Quadro 4) de ovinos e caprinos, testemunhando a extracção da medula óssea, só possível mediante cozedura.

Enfim, o consumo da carne deixou marcas de corte por faca, correspondendo a finos sulcos lineares nas superfícies ósseas, sendo mais frequentes, como seria de esperar, nas peças do esqueleto apendicular, onde as partes moles eram mais difíceis de separar daquelas (Quadro 4).

Quanto aos 158 restos de veado, que representam o segundo conjunto mais numeroso, apenas 5 exibem marcas de corte por cutelo (Fig. 3), três das quais em ossos do esqueleto axial.

Quanto às marcas por faca, a maioria observa-se, tal como no conjunto dos ovinos e caprinos, nos ossos do esqueleto apendicular, pelas razões já expostas.

É interessante notar que é nos ossos de veado que se observa a maior incidência de ossos queimados: 4 em 158 restos, face a 5 em 382 restos de ovinos e caprinos, não se



Fig. 1 – Mesas do Castelinho. Primeira campanha – 1989. Sector A-1, unidade estratigráfica 29. Pormenor da extremidade articular distal de metacárpico esquerdo de *Ovis/Capra*, em vista anterior. Observam-se marcas de corte por cutelo, destinadas à desarticulação deste osso das falanges (foto J. L. Cardoso). Escala em mm.

tendo identificado nenhum entre os de bovino. Tal facto sugere que a fauna caçada seria mais frequentemente grelhada, que as espécies domésticas.

Os restos de bovino, sendo embora demasiado escassos para serem significativos, seguem de perto as características já apontadas para os dois grupos anteriores, no respeitante às marcas de corte. Com efeito, enquanto que a maioria das marcas de cutelo, seccionando as peças ósseas, produzidas no decurso do esquartejamento dos animais, se observam no esqueleto axial, as produzidas por faca, no decurso do seu consumo, são mais frequentes nas peças do esqueleto apendicular.

A idade da captura ou abate é outro aspecto que justifica discussão (Quadro 4). No que respeita aos ovinos e caprinos, apenas um resto, entre 382, indica seguramente indivíduo juvenil, o que é manifestamente pouco, ao considerarmos



Fig. 2 – Mesas do Castelinho. Primeira campanha – 1989. Sector A-1, unidade estratigráfica 29. Três porções de diáfises tibiais de *Ovis/Capra*, segmentadas intencionalmente. Correspondem à obtenção de nacos de carne utilizados provavelmente em ensopados ou cozidos (foto J. L. Cardoso), X 3,8.

os restos de veado (4 em 158) ou mesmo de boi doméstico (1 em 38). Tal verificação contrasta com a propalada convicção de preferência das populações islâmicas por carnes tenras, de animais juvenis (RIQUELME, 1993, p. 250). Sem embargo, dever-se-á valorizar, em cada caso – como demonstra a presente situação – as condicionantes de ordem natural, social ou económica prevalentes em cada comunidade, que presidiram à adopção de determinados hábitos alimentares.

Uma comunidade não excedentária, nem sequer auto-suficiente, como seria a correspondente à que ocuparia o castelo muçulmano de Mesas do Castelinho,

tenderia a rentabilizar os animais disponíveis, deles extraindo lacticínios, o que conduziria a idades de abate mais avançadas, aliás confirmadas pela exclusividade dos dentes definitivos: os prazeres das carnes macias, de animais com escassos meses de vida, ficariam reservados para mesas mais opulentas, mais frequentes em contextos urbanos.

A raspagem, produzida por faca, nas superfícies de alguns restos de ovinos e caprinos (3 casos observados) e de coelhos/lebre (1 caso), atesta a meticulosidade do aproveitamento das partes comestíveis, reforçando a ideia de ausência de excedentes alimentares.

A existência de ossos roídos justificam também diversas considerações (Quadro 4).

No veado, a maior incidência de ossos mordidos ou roídos (7 em 9 casos) observa-se na extremidade dos membros, ao contrário do verificado nos ovinos e caprinos, cujos restos evidenciam distribuição uniforme de tais marcas pelos diversos segmentos anatómicos (Quadro 4). Estas diferenças poderão residir em modos distintos de aproveitamento culinário. Constituindo a cozedura a técnica culinária que melhor promove a separação das partes moles, a ausência de marcas dentárias em tais peças ficaria, deste modo, facilmente explicada, não se estranhando que sejam os ossos de ovinos e caprinos aqueles onde tais marcas menos incidência específica revelem. Ao contrário, grelhados e churrascos não facilitam a separação da carne. Estas considerações justificam e reforçam, consequentemente, a hipótese das peças de carne de veado, especialmente os segmentos apendiculares terem sido grelhados, já antes entrevista pelas marcas de fogo que exibiam.

Poder-se-á, ainda, admitir que parte de tais marcas sejam devidas a diversos carnívoros (Fig. 4 e 5), incluindo o cão, cuja presença na jazida ficaria, desta forma, indi-

Quadro 4 – Mesas do Castelinho (1989 – 1992). Distribuição dos ossos de juvenis e/ou com intervenção humana ou animal por segmentos anatómicos

Segmentos Anatómicos	Ossos cortados ou partidos			Ossos raspados	Juvenis	Marcas de fogo	Mordidos e roídos
	cutelo	faca	esquirolas ossos longos				
<i>Cervus elaphus</i>							
Esqueleto craniano	1	-	79	-	-	-	-
Esqueleto axial	3	2	-	-	1	1	-
Ossos longos dos membros anterior e posterior	-	1	5	-	3	2	2
Metápodes e falanges	1	6	2	-	-	1	7
<i>Bos taurus</i>							
Esqueleto craniano	-	-	-	-	-	-	1
Esqueleto axial	3	1	-	-	1	-	-
Ossos longos dos membros anterior e posterior	-	3	4	-	-	-	-
Metápodes e falanges	-	1	2	-	-	-	-
<i>Capra/Ovis</i>							
Esqueleto craniano	-	2	-	-	-	-	2
Esqueleto axial	9	6	-	-	-	3	3
Ossos longos dos membros anterior e posterior	6	10	23	2	1	-	4
Metápodes e falanges	1	3	6	1	-	2	3
<i>Oryctolagus/Lepus</i>							
Esqueleto axial	-	2	-	-	-	1	1
Ossos longos dos membros anterior e posterior	-	1	1	1	6	2	-
Metápodes e falanges	-	-	-	-	-	3	2

rectamente demonstrada. Também a raposa, representada na jazida por três restos, talvez de um único animal, as poderia ter, nalguns casos, provocado. Tal hipótese conduz a aceitar que, pelo menos, uma parte dos desperdícios domésticos ficariam algum tempo a céu aberto, facto aliás sugerido pela intensa fissuração e desmineralização dalguns ossos. Contudo, a maioria revela bom estado de conservação, sugerindo um rápido recobrimto, o que poderia ser explicado pela intensa acumulação de restos, ao longo do fosso, utilizado como lixeira (unidade estratigráfica 29).

Considerando agora o conjunto constituído por todas as espécies identificadas na

jazida verifica-se que, além das antes mencionadas, ocorrem, em grande abundância, restos de leporídeos (predominando largamente o coelho sobre a lebre), os quais constituem 40,3% do número total de restos identificados (NTR). O bom estado de conservação que exibem, aliado à pouca exigência e facilidade de alimentação, leva-nos a admitir que, pelo menos, uma parte corresponda a indivíduos domésticos. A larga maioria seria consumida no estado adulto e por cozedura (Quadro 3), conduzindo a ossos em bom estado de conservação. Algumas (raras) marcas dentárias, conduzindo por vezes ao afundamento da tábua óssea indiciam, mais do que acções de carnívoros (Fig. 5), o próprio consumo humano.

As restantes espécies são vestigiais. Vejamo-las, uma a uma.

O javali, que no estudo anterior não tinha sido reconhecido (CARDOSO, 1993a) encontra-se apenas representado por 4 restos (0,4% do NTR). A sua biometria é compatível com a correspondente a outros conjuntos selvagens; encontra-se, assim, provada a caça do javali por habitantes do castelo, situação



Fig. 3 – Mesas do Castelinho. Primeira campanha – 1989. Sector A-1, unidade estratigráfica 29. Pormenor da diálise de metacárpico direito de *Cervus elaphus*, em vista posterior. Observam-se marcas de corte por cutelo, destinadas à desarticulação deste osso das falanges, por corte dos tendões e músculos (foto J. L. Cardoso). Escala em mm.

que não é inédita em outros contextos muçulmanos. No caso presente, tal facto encontra-se em parte explicado pela presumível abundância da espécie, que coexistia com o veado, em bosques onde este último era intensamente caçado.

Também o cavalo não fazia parte do registo anteriormente publicado. Os dois restos identificados deverão atribuir-se, até pelo grande tamanho, a animais domésticos, pertencentes à guarnição militar muçulmana do castelo.

Quanto à raposa, a sua ocorrência que era, também, até ao presente, desconhecida na jazida, pode ter uma dupla explicação; ou trata-se de animal caçado, para o aproveitamento da pele, ou de restos, compatíveis com um único indivíduo, que se tenha alojado no local, em época anterior ao abandono da fortaleza. O facto de provirem da unidade estratigráfica 69, em nível coevo da utilização da estrutura, confere maior credibilidade à primeira hipótese.

A importância alimentar das diversas espécies presentes nas Mesas do Castelinho deverá ser aferida numa dupla perspectiva: considerando a biomassa respeitante a cada uma delas; e a respectiva frequência relativa, através do correspondente número de restos.

Admitindo que um boi de raça não melhorada, como a mertolenga, pudesse equivaler a (ANTUNES, 1991):

- sete cabeças de ovelha ou
- nove cabeças de cabra,

também de raças não melhoradas, teríamos, admitindo representação equitativa nos rebanhos de então, de ovelhas e cabras, uma correspondência de um bovino para oito ovinos e caprinos. Considerando, nas Mesas do Castelinho, um número de restos destes dois últimos táxones, cerca de dez vezes superior ao do primeiro, teríamos, conseqüentemente, que:

- por cada quilo de carne de boi, consumir-se-ia 1,25 kg de carne de ovelha e cabra.

Porém, a maioria da carne consumida resultaria da caça ao veado, a que corresponde um número de restos quatro vezes superior ao dos bovinos. Considerando um peso médio de cada bovino da época (cerca de 230 kg) duplo do correspondente ao veado teremos, conseqüentemente, que:

- cada quilo de carne de boi consumida equivaleria a dois kg de carne de veado consumida.

Considerando os leporídeos, cujos restos são cerca de dez vezes mais abundantes que os de bovídeo, e um peso médio *per capita* cerca de cem vezes menor, teremos que:

- cada quilo de carne de boi corresponderia, apenas, a cerca de 0,1 kg de carne de coelho/lebre.

Enfim, os restantes táxones (javali, cavalo, raposa) são insignificantes no conjunto faunístico, não tendo, pois, expressão na alimentação.

Os resultados obtidos confirmam a grande importância da caça na alimentação da guarnição do castelo muçulmano, já anteriormente

assinalada (CARDOSO, 1993a). Tratando-se de uma população militar, através da actividade cinegética, obteriam, mais do que a principal componente da sua alimentação, a oportunidade de se exercitarem em práticas guerreiras. A predominância da caça realça, outrossim, uma população pouco fixa ao território, menosprezando o pastoreio, como seria próprio de qualquer comunidade pacífica e sedentária.

Ainda assim, por cada 2 kg de carne de veado consumir-se-iam cerca de 2,35 kg de animais domésticos (bovinos, ovinos, caprinos e leporídeos), além do leite que os três primeiros poderiam oferecer. Tal situação implica a existência de rebanhos, apascentados nas imediações próximas da fortaleza, eventualmente criados por habitantes de pequenos aglomerados rurais dela dependentes ou tributários.

Deixaremos para trabalho ulterior a diferenciação (por regra difícil, ou impossível, dependendo do estado de conservação das peças) entre a ovelha e a cabra. Nas Mesas do Castelhinho, ambas as espécies estão presentes (CARDOSO, 1993a). Tal diferenciação, embora de fraco alcance económico-social – pois ambos os táxones têm idêntica importância, como fornecedores de proteínas – reveste-se, sobretudo, de interesse paleoecológico. A provável predominância de restos de ovelha, em detrimento da cabra, estará em consonância com o clima talvez menos seco da época, compatível com extensos bosques, propícios à existência de abundantes veados de grande porte, como foi demonstrado. Tais manchas florestais persistiram na região até, pelos menos ao fim do século XIII (CARDOSO, 1993a).

A predominância, na época muculmana, dentre os animais domésticos, de ovelhas e cabras, sobre os grandes bovinos, é característica de aglomerados rurais (RIQUELME,



Fig. 4 – Mesas do Castelhinho. Quarta campanha – 1992. Sector A-1, unidade estratigráfica 29. Pormenor da superfície articular distal de húmero esquerdo de *Sus scrofa*, em vista anterior. Observam-se importantes marcas irregulares e punctiformes, com abatimento da parede óssea, produzidas por mordedura, talvez de cão (foto J. L. Cardoso). Escala em mm.

1993. p. 256). Tal facto, verificado nas Mesas do Castelhinho, reforça tal conclusão, aliás consubstanciada também pelos resultados obtidos na alcáçova de Mértola (MORALES, 1993, tabl. 3). Com efeito, neste contexto, de características urbanas, é nítida a predominância de bovinos sobre ovinos e caprinos, em termos de carne consumida: utilizando as proporções adoptadas na interpretação dos resultados das Mesas do Castelhinho, concluiu-se que, em Mértola, na fase anterior à última ocupação islâmica do sítio, por cada quilo de carne de bovino, se consumia apenas 0,5 kg de carne de ovinos e caprinos ou seja, menos de metade da proporção definida na presente jazida.

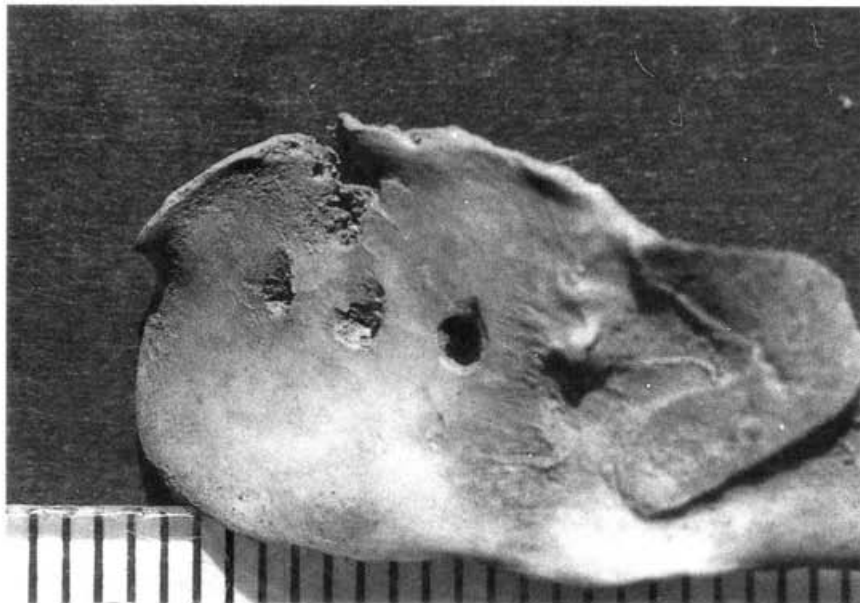


Fig. 5 – Mesas do Castelinho. Primeira campanha – 1989. Sector A-1, unidade estratigráfica 29. Pormenor da parte anterior de íliaco direito de *Dryctolagus cuniculus* em vista mesial. Observam-se cinco marcas punctiformes, com abatimento da parede óssea, produzida por mordedura de pequeno carnívoro (foto J. L. Cardoso). Escala em mm.

Torna-se claro que tal relação seria, em última análise, determinada por factores naturais, mais ou menos favoráveis à criação de determinado táxone em detrimento de outro. Em Silves, na fauna recolhida na alcáçova, em contexto idêntico ao de Mértola, 239 peças foram atribuídas a ovinos e caprinos e apenas 5 a bovinos (ANTUNES, 1991, p. 68); ou seja, por cada quilo de carne de bovino consumiam-se cerca de 6 kg de ovinos e caprinos, doze vezes mais do que em Mértola, na mesma época.

Em conclusão, os resultados obtidos nos dois contextos muçulmanos urbanos até ao presente estudados em Portugal – Silves e Mértola – conquanto evidenciem marcadas diferenças ao nível da importância das espécies presentes, são dominados pelas espécies domésticas. A caça é vestigial (em Mértola) ou desconhecida (em Silves). Neste facto reside a principal diferença da associação faunística das Mesas do Castelinho, onde o veado tem importância marcante na alimentação. Evidencia-se, deste modo, a conjugação de factores naturais, propícios à disponibilidade da espécie mais importante na alimentação na área envolvente da jazida, e de factores de carácter económico e social, que determinaram, em última análise, a opção pela sua captura, plenamente assumida pela comunidade residente na fortaleza. Trata-se, pois, de duas vias distintas de análise, embora indissociáveis, que deverão estar sempre presentes no espírito de quem se abalance a interpretações arqueozoológicas como as que neste trabalho se apresentaram.

Agradecimentos

Aos Drs. Carlos Fabião e Amílcar Guerra que, ao solicitarem ao autor este estudo, amavelmente puseram à sua disposição todos os materiais e informações necessárias. Aos Drs. Cláudio Torres e Santiago Macias, pelo honroso convite em publicá-lo nas páginas desta revista, bem como pela boa vontade com que, pacientemente, aguardaram a entrega do original...

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, M. T. (1991) – Restos de animais no castelo de Silves (séculos VIII-X). Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico. *Estudos Orientais*, 2, pp. 41-74. Lisboa, Instituto Oriental, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CARDOSO, J. L. (1993a) – Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico: estudo dos restos mamalógicos e malacológicos das Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*, 2, pp. 103-107. Porto, Edições Afrontamento – Campo Arqueológico de Mértola.

CARDOSO, J. L. (1993b) – Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*, 4, pp. 109-126. Lisboa, Instituto Oriental, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

CARDOSO, J. L. (1993c) – Restos de grandes mamíferos da ilha do Pessegueiro. Contribuição para o conhecimento da alimentação na época romana. In SILVA, C. TAVARES DA & SOARES, J. (eds.) – *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana*, pp. 205-215 Lisboa, Instituto da Conservação da Natureza.

DELPECH, F. (1973) – Signification paléoclimatique des associations d'herbivores reconnues dans un gisement archéologique. *Bull. Soc. Préhist. Franc.*, pp. 187-189.

EISENMANN, V.; ALBERDI, M. T.; DE GIULI, C. & STAESCHE, U. (1987) – *Studying fossil horses*. Vol. 1 – Methodology, WOODBURNE, M. & SONDAAR, P., eds. Leiden, E. J. Brill.

FABIÃO, C. & GUERRA, A. (1991) – O povoado fortificado de Mesas do Castelinho, Almodôvar. *Actas*

das IV Jornadas Arqueológicas, Associação Arqueólogos Portugueses (Lisboa 1990), pp 305-319.

FABIÃO, C. & GUERRA, A. (1993) – Uma fortificação omíada em Mesas do Castelhinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*, 2, pp. 85-102. Porto, edições Afrontamento – Campo Arqueológico de Mértola.

GOMES, M. V.; GOMES, R. V. & CARDOSO, J. L. (1993) – Espólio, do século XV, de uma casa de Silves.

Actas do Encontro Internacional *O Quotidiano na História Portuguesa*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (em curso de impressão).

MORALES, A. (1993) – Estudio faunístico del yacimiento islámico de Mértola: los mamíferos. *Arqueologia Medieval*, 2, pp. 263-271. Porto, edições Afrontamento – Campo Arqueológico de Mértola.

RIQUELME, J. A. (1993) – Estudio faunístico del yacimiento medieval de Plaza España, Motril (Granada). *Arqueologia Medieval*, pp. 243 – 260. Porto, edições Afrontamento – Campo Arqueológico de Mértola.